

AUTODETERMINAÇÃO E PERCEPÇÃO DE SUCESSO NO FUTEBOL – COMPARAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO E RENDIMENTO

Dr. Dora Ferreira & Prof. Doutora Carla Chicau Borrego

Entidade: Caldas Sport Clube

Local: Caldas da Rainha

RESUMO

Baseado na teoria da autodeterminação e na teoria de objectivos de realização o presente estudo teve como objectivo estudar a autodeterminação e a percepção de sucesso de jogadores de futebol do escalão Juniores e seniores.

Participaram no estudo 198 futebolistas pertencentes aos escalões de Formação e Rendimento (Formação, N=100; Rendimento, N=98), com idades compreendidas entre os 15 e os 32 anos, e preencheram os questionários: Auto-Regulação (QAR) e Percepção e Sucesso (POSQ)

Os resultados demonstraram que os futebolistas, no geral, apresentam níveis elevados motivação intrínseca e extrínseca por regulação identificada, e percepções de sucesso mais direccionadas para a tarefa que para o ego. Contudo o escalão de rendimento diferencia-se do de formação por apresentar níveis mais elevados de regulação externa introjectada. Verificou-se, ainda que não significativo, um indicador para tendência dos suplentes apresentarem níveis mais elevados de desmotivação quer nos juniores quer nos seniores.

Palavras-Chave: futebol, *continuum* de autodeterminação, percepção de sucesso, coesão de grupo.

INTRODUÇÃO

Eubank e Gilbourne (2005) referem que, tanto a performance colectiva como a performance individual estão associadas a diferentes estados motivacionais. Ao longo do tempo, as investigações justificaram que a motivação dos atletas varia segundo a dicotomia da motivação intrínseca e extrínseca. Contudo a teoria da autodeterminação diz-nos que a motivação varia ao longo de um *continuum* que assume diferentes formas de motivação com diferentes níveis de autodeterminação (autonomia). Num dos extremos do *continuum* situa-se a motivação intrínseca caracterizada por níveis elevados de autodeterminação e no outro extremo situa-se a desmotivação caracterizada pelo nível mais reduzido de autodeterminação (Deci & Ryan, 2002). No intermédio do *continuum* situam-se as diferentes formas de motivação extrínseca. Nicholls (1989) afirma que indivíduos com baixas percepções de competência pessoal, dificilmente percebem situações em que alcançam sucesso pois o mais provável é perceberem situações de frustração devido à falta de confiança. Estudos, no âmbito do bem-estar dos atletas, revelam que a competição nem sempre traduz níveis de bem-estar positivos, pois os sujeitos atribuem ao insucesso menores níveis de competência e conseqüentemente mostram menos motivação intrínseca (Vallerand, Gauvin & Halliwell, 2001; Reeve & Deci, 1996). Durand (1988) refere que a evolução da motivação dos jogadores altera-se consoante as etapas que estes percorrem estando elas condicionadas pela idade. O presente estudo pretende identificar e comparar os tipos de motivação dos jogadores assim como a sua percepção de sucesso em função do escalão Formação (juniores A e B) e rendimento (seniores) e do estatuto dos jogadores (titulares/suplentes).

METODOLOGIA

Participantes

A recolha de dados foi realizada na época de 2009/2010 em 14 equipas de futebol do distrito de Leiria, seleccionadas por conveniência. Participam no estudo jogadores pertencentes aos escalões juniores “A”, juniores “B” e seniores.

No estudo realizado, participaram 198 futebolistas com idades compreendidas entre os 15 e os 32 anos ($20,1 \pm 4,42$), os quais apresentavam uma média de 11,15 anos de prática ($\pm 5,97$) (tabela 1). Participaram no estudo 100 futebolistas do escalão de juniores, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos ($16,95 \pm 1,13$) e 98 futebolistas do escalão de seniores com idades compreendidas entre os 19 e os 32 anos ($23,5 \pm 4,05$). Do total de participantes, 116 eram titulares e 82 suplentes.

Tabela 1. Caracterização da amostra em função da idade e dos anos de prática

	N	Idade		Anos de prática	
		Mín.-Máx.	M \pm DP	Mín.-Máx.	M \pm DP
Formação/ Especialização	100	15-19	16,95 \pm 1,13	1-14	7,66 \pm 3,22
Rendimento	98	19-32	23,5 \pm 4,05	2-27	14,7 \pm 5,04
Total	198	15-32	11,15 \pm 5,97	1-27	11,15 \pm 5,97

A escolha destes escalões de formação e rendimento justifica-se através da literatura que refere que os jovens de modalidades colectivas, com idades entre os 15 e os 19 anos, correspondentes aos escalões de Juniores A e Juniores B, encontram-se na fase de especialização admitindo já preocupações relacionadas com o rendimento (Greco & Benda, 1998). Ainda relativamente ao escalão de juniores, quando os jogadores atingem as idades dos 18 anos e 19 anos encontram-se na fase de aproximação/integração, sendo esta considerada a fase final de especialização e

início de preparação para integrar o escalão de rendimento. Desta forma o grupo de Juvenis e Juniores é considerado um grupo de Formação/ Especialização (F/E). O escalão sénior é considerado o escalão de Rendimento (RENDIMENTO) uma vez que as suas preocupações são prioritariamente relacionadas a *performance*.

No escalão de rendimento, as equipas encontravam-se a disputar os campeonatos nacionais da II e III Divisão (n=4), e distritais da Associação de Futebol de Leiria (n=3). No escalão F/E, uma das equipas encontrava-se a disputar o campeonato nacional e sete equipas, o campeonato distrital da divisão de honra.

Instrumentos

Motivação. Foi utilizado o *Questionário do continuum de auto-determinação no contexto desportivo*, versão traduzida e validada para a população portuguesa (Fernandes & Vasconcelos Raposo, 2005) do questionário *self-determination's continuum*, desenvolvido por Deci & Ryan (1985). O instrumento é composto por vinte itens, que avaliam cinco dimensões: 4 itens avaliam a dimensão desmotivação que corresponde à motivação que regula comportamentos resultantes de forças que estão além do controlo intencional do indivíduo, não se considerando intrinsecamente ou extrinsecamente motivados. Têm em conta a ausência de intenção e pensamento proactivo (e.g., "... *realmente nem sei porquê*"). A dimensão regulação externa é avaliada em 4 itens e consiste na motivação que regula o comportamento resultante da imposição de contingências externas por parte de outra pessoa, sendo este controlado por recompensas e ameaças (e.g. "... *é obrigatório*"). A dimensão regulação introjectada é avaliada também em 4 itens e consiste na motivação que regula o comportamento mais afectivo que cognitivo envolvendo a resolução de processos conflituosos (fazer ou não fazer). O comportamento resultante desta forma motivacional provém de reforços resultantes de pressões internas como a culpa e a ansiedade, ou do desejo de obter reconhecimento social (e.g. "...*quero que os meus colegas pensem em mim como um bom atleta*"). A dimensão regulação identificada é

avaliada em 4 itens e consiste na motivação que regula o comportamento resultante da apreciação dos resultados e benefícios que a participação numa actividade promove (e.g. “*quero melhorar o meu nível competitivo*”). E por último, 4 itens avaliam a dimensão motivação intrínseca que por sua vez avalia a motivação que é considerada a mais auto-determinada e autónoma do comportamento. É o tipo de motivação que demonstra a participação voluntária numa actividade em “aparente” ausência de recompensas ou pressões externas bem como a sua participação justifica-se pelo prazer, divertimento e satisfação obtidos (e.g. “... *porque o futebol é emocionante*”). “*Eu pratico a modalidade de futebol porque...*” é a frase apresentada no início do questionário que serve de introdução aos vinte itens constituintes do mesmo, tendo o atleta de assinalar o seu grau de concordância com cada uma das afirmações, numa escala do tipo *Lickert* de 7 pontos (de 1 = discordo plenamente a 7 = concordo plenamente). Ao analisarmos a consistência interna do questionário verificamos que o α de Cronbach apresenta valores entre 0,54 e 0,72, respectivamente MERE e AMOT.

Percepção de sucesso. Questionário sobre percepção de sucesso no desporto (Fonseca & Balagué 1996): O POSQ é um questionário que avalia duas dimensões: ego e tarefa. A dimensão tarefa refere-se à preocupação que o indivíduo tem em demonstrar mestria na realização da tarefa, enquanto a dimensão Ego refere-se à preocupação que o indivíduo tem em demonstrar habilidade. O questionário é composto por 12 itens que avaliam situações passíveis de ocorrer em contextos desportivos. Em cada uma das situações o inquirido indica o modo como considera que se sentiria bem sucedido se ela ocorresse efectivamente com ele, através do recurso a uma escala de Likert de 5 pontos que variam entre 1=discordo totalmente e 5= concordo totalmente. Dos 12 itens, 6 relacionam-se com a tarefa (e.g. “*ao praticar desporto, sinto-me mais bem sucedido quando atinjo um objectivo*”) e as outras 6 referem-se à dimensão Ego (e.g. “*Ao praticar desporto, sinto-me mais bem sucedido quando derroto os meus adversários*”). No que concerne à consistência interna dos

itens do instrumento, verificámos que os valores do *alpha* de Cronbach obtidos em cada uma das dimensões (0,78 e 0,75, respectivamente Ego e Tarefa) Contudo os valores obtidos aproximam-se dos valores encontrados em estudos anteriores (Fonseca & Brito, 2001).

Procedimentos

Foi efectuado um contacto prévio com os treinadores e dirigentes das equipas de futebol, com o propósito de apresentarmos o objectivo do estudo. Após a autorização dos clubes, foi solicitada a colaboração dos futebolistas por intermédio dos seus treinadores. O envolvimento dos participantes era voluntário e a todos os que acessem colaborar foi assegurada a confidencialidade das respostas. No caso dos jogadores com menos de 18 anos, foi-lhes solicitada inicialmente a autorização dos encarregados de educação através de um consentimento informado que foi entregue assinado com a respectiva autorização confirmada.

Os questionários foram preenchidos antes de uma sessão de treino, em cerca de 15 a 20 minutos. O processo foi supervisionado pelo autor que, previamente explicou aos atletas o objectivo do estudo e a forma de responder aos questionários. Em geral, não surgiram dúvidas aquando do preenchimento dos mesmos.

Análise e Tratamento Estatístico

O tratamento e análise dos dados foram realizados através do programa estatístico PASW 18.0 (*Predictive Analysis Software*).

Para a descrição dos dados obtidos recorreu-se à estatística descritiva, que incluiu a distribuição de frequências, medidas de tendência central (média aritmética) e medidas de dispersão (desvio padrão, mínimo e máximo).

A análise estatística foi realizada através da técnica paramétrica MANOVA que exige os pressupostos de normalidade e de homogeneidade de variâncias. Uma vez

verificados e assegurados os pressupostos, procedeu-se à análise paramétrica considerando como factores o escalão e o estatuto dos atletas. Foi definido um nível de significância de $p \leq 0,05$.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A análise descritiva apresentada na tabela 2 referente à variável Motivação (*Motivação intrínseca* – MI; *Motivação Extrínseca por Regulação Identificada* – MERID; *Motivação Extrínseca por Regulação Introjectada* – MERIN; *Motivação Extrínseca por Regulação Externa* - MERE, *Desmotivação* - AMOT) permite identificar quais os valores médios obtidos em função do escalão (F/E, rendimento) e do Estatuto (Titular, Suplente).

Tabela 2. Média e Desvio Padrão da variável Motivação em função do escalão e do estatuto

		MI N=197		MERID N=197		MERIN N=197		MERE N=197		AMOT N=197		
		estatuto	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
escalão F/E	Titular		5,45	,94	5,39	1,12	4,01	1,15	2,17	1,09	1,79	1,11
	Suplente		5,40	1,14	5,19	1,07	3,84	1,20	2,18	1,05	1,98	1,11
	Total		5,43	1,01	5,32	1,10	3,95	1,17	2,17	1,07	1,86	1,11
Escalão Rendim ento	Titular		5,54	,87	5,45	1,00	4,16	1,15	1,94	,87	1,55	,88
	Suplente		5,26	1,01	5,24	,97	4,34	1,22	1,89	,92	2,02	1,00
	Total		5,41	,94	5,35	,98	4,25	1,18	1,92	,89	1,77	,96
Total	Titular		5,49	,91	5,42	1,06	4,08	1,15	2,07	1,00	1,69	1,02
	Suplente		5,32	1,06	5,22	1,01	4,12	1,23	2,02	,98	2,00	1,04
	Total		5,42	,97	5,33	1,04	4,10	1,18	2,05	,99	1,82	1,04

Segundo os valores obtidos verificou-se que o escalão F/E apresenta uma média mais elevada nas dimensões MI ($5,44 \pm 0,94$), MERE ($2,17 \pm 1,08$), e AMOT ($1,87 \pm 1,11$). Em contrapartida, o escalão rendimento apresentou medias mais elevadas nas dimensões MERID, ($5,36 \pm 0,98$), MERIN, ($4,25 \pm 1,18$)

Relativamente ao estatuto, os titulares apresentaram médias mais elevadas nas dimensões MI ($5,49 \pm 0,91$), MERID ($5,42 \pm 1,06$), MERE ($2,07 \pm 1,0$). Em contrapartida

os suplentes obtiveram médias mais elevadas nas dimensões MERIN (4,12±1,23) e AMOT (2,00±1,04)

Considerando as dimensões da Motivação em função do escalão e do estatuto verificou-se que os titulares do escalão F/E apresentaram valores médios mais elevados nas dimensões MI (5,45±0,94), MERID (5,39±5,19) e MERIN (4,01±3,95). Em contrapartida, os suplentes do escalão F/E apresentaram valores médios mais elevados nas dimensões MERE (2,18±1,05) e AMOT (1,98±1,11).

No escalão Rendimento, os titulares apresentaram médias mais elevadas nas dimensões MI (5,54±0,87), MERID (5,45±1,00), MERE (1,94±0,87) e os suplentes apresentaram valores médios mais elevados nas dimensões MERIN (4,34±1,22) e AMOT (2,02±1,00).

Após a verificação das médias obtidas procedeu-se à análise estatística através da análise multivariada na qual a motivação apresentou diferenças significativas em função do escalão (Wilks'λ=.93, F(2,74)=.02, p≤,05), enquanto que o estatuto apenas apresentou uma probabilidade de alteração de 53% (Wilks'λ=.96, F (1,55)=.17, p≥,05). Assim procedeu-se à análise univariada (Tabela. 3).

Tabela 3. Análise univariada da auto-regulação função do escalão, estatuto

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	MI	1,662 ^a	3	,554	,584	,626
	MERID	1,859 ^b	3	,620	,557	,644
	MERIN	6,486 ^c	3	2,162	1,534	,207
	MEE	3,040 ^d	3	1,013	1,005	,392
	AMOT	5,589 ^e	3	1,863	1,767	,155
Intercept	MI	5443,119	1	5443,119	5738,311	,000
	MERID	5190,883	1	5190,883	4668,428	,000
	MERIN	3079,357	1	3079,357	2184,847	,000
	MEE	770,793	1	770,793	764,906	,000
	AMOT	614,987	1	614,987	583,327	,000
escalão	MI	,017	1	,017	,018	,894
	MERID	,187	1	,187	,168	,682

	MERIN	5,766	1	5,766	4,091	,045
	MEE	2,872	1	2,872	2,850	,093
	AMOT	,233	1	,233	,221	,639
estatuto	MI	,999	1	,999	1,053	,306
	MERID	1,776	1	1,776	1,597	,208
	MERIN	,049	1	,049	,035	,852
	MEE	,021	1	,021	,021	,884
	AMOT	3,726	1	3,726	3,535	,062
escalão * estatuto	MI	,597	1	,597	,630	,428
	MERID	,004	1	,004	,004	,953
	MERIN	1,616	1	1,616	1,147	,286
	MEE	,006	1	,006	,006	,939
	AMOT	1,486	1	1,486	1,410	,237

Através dos resultados obtidos verificámos que o escalão influência significativamente o tipo de motivação dos atletas, sendo que a diferença se verifica na dimensão MERIN (sig. =0,045, < α = 0,05). Na Figura 2 pode-se verificar que a média difere no escalão Rendimento, o qual apresenta níveis de MERIN significativamente mais elevados que o escalão F/E quer nos praticantes com estatuto titular quer nos jogadores com estatuto de suplente.

Os resultados obtidos relativamente ao estatuto não apresentaram valores significativos relativos à influência exercida sobre o tipo de motivação dos jogadores no entanto, o valor de sig. para a dimensão AMOT apresenta-se entre 0,05 e 0,1 considerando-se estes *boderlines* significativos, isto é, embora este dado não seja significativo (0,05< sig.=0,056<0,1) parece ser um indicador de que o estatuto de suplente apresenta níveis mais elevados de desmotivação quando comparados com os titulares (figura 2).

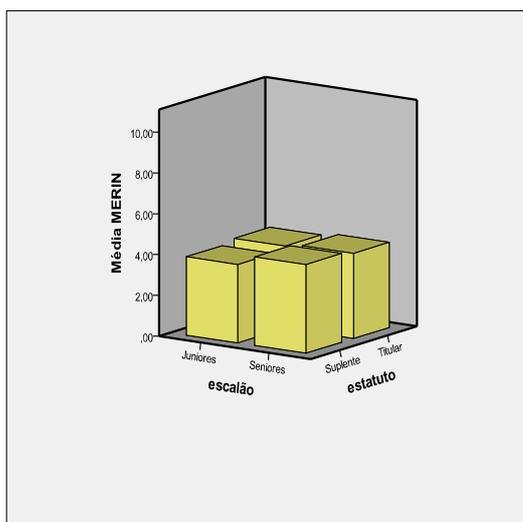


Figura 1. MERIN em função do escalão e do estatuto

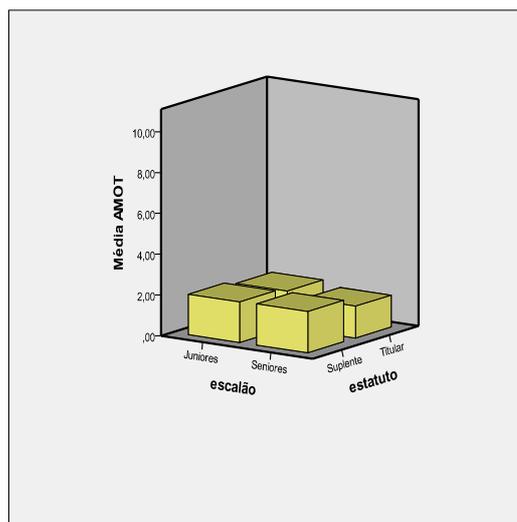


Figura 2. AMOT em função do escalão e do estatuto

Relativamente à variável Percepção de Sucesso, através da análise descritiva apresentada na Tabela 4 podemos verificar que o escalão F/E apresenta médias mais elevadas na dimensão EGO ($3,38 \pm 0,68$) que no escalão Rendimento ($3,37 \pm 0,70$). Em contrapartida o escalão rendimento apresenta uma média mais elevada na orientação para a tarefa ($4,28 \pm 0,45$) que o escalão F/E ($4,21 \pm 0,55$).

Tabela 4. Estatísticas descritivas da variável percepção de sucesso em função do escalão e do estatuto

		EGO N=197	TAREFA N=197
escalão	estatuto	M±DP	M±DP
F/E	Titular	3,44 ±,66	4,29 ±,54
	Suplente	3,27 ±,72	4,09 ±,54
	Total	3,38 ±,68	4,21 ±,55
Rendiment o	Titular	3,28 ±,80	4,25 ±,46
	Suplente	3,47 ±,57	4,32 ±,44
	Total	3,37 ±,70	4,28 ±,45
Total	Titular	3,37 ±,72	4,27 ±,50
	Suplente	3,39 ±,65	4,22 ±,50
	Total	3,37 ±,69	4,25 ±,50

Quando consideradas as dimensões em função do estatuto, verificamos que no escalão de F/E, os titulares apresentaram valores mais elevados de EGO ($3,44 \pm 0,66$) que os suplentes ($3,27 \pm 0,72$), o mesmo se verifica aquando da análise relativa a orientação para a tarefa (titulares $4,29 \pm 0,54$, suplentes $4,09 \pm 0,54$).

Relativamente ao escalão Rendimento, o estatuto Suplente é aquele que apresenta uma média mais elevada quer na dimensão EGO ($3,47 \pm 0,57$) quer na dimensão TAREFA ($4,32 \pm 0,44$).

Após a análise descritiva, recorreu-se à estatística multivariada a fim de verificar se as diferenças são ou não significativas. Verificou-se que a percepção de sucesso não se altera em função do escalão dos jogadores ($Wilks' \lambda = .99$, $F(.29) = .57$, $p \geq .05$), tal como também não verificamos valores significativos de alteração em função do estatuto ($Wilks' \lambda = .99$, $F(.45) = .65$, $p \geq .05$). No entanto podemos verificar que a percepção de sucesso altera-se significativamente quando há intersecção do modelo ($Wilks' \lambda = .09$, $F(878.26) = .00$, $p \leq .05$). Tendo-se assim recorrido à análise univariada.

Tabela 5. Análise univariada da percepção de sucesso em função do escalão, estatuto e anos de prática

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	EGO	1,413 ^a	3	,471	,978	,404
	TAREFA	1,272 ^b	3	,424	1,689	,171
Intercept	EGO	2133,475	1	2133,475	4426,594	,000
	TAREFA	3391,158	1	3391,158	13510,721	,000
escalão	EGO	,041	1	,041	,085	,771
	TAREFA	,521	1	,521	2,076	,151
estatuto	EGO	,025	1	,025	,051	,821
	TAREFA	,232	1	,232	,923	,338
escalão *	EGO	1,377	1	1,377	2,857	,093
estatuto	TAREFA	,774	1	,774	3,085	,081

Através da tabela 5 podemos verificar que embora nenhum dos factores fixos apresente valores significativos, a interacção entre escalão*estatuto apresenta valores

boderline significativos quer para a dimensão EGO (sig.=0,09) quer para a dimensão TAREFA (sig.=0,08) sugerindo que existe influência sobre as orientações dos praticantes consoante a interacção que se estabelece entre o seu escalão e o seu estatuto.

Através das Figuras 3 e 4 podemos verificar que o escalão F/E apresenta valores médios mais elevados nos dois tipos de percepção de sucesso (orientado para o EGO e para a TAREFA) enquanto os suplentes apresentam valores mais baixos nos dois tipos de percepção de sucesso.

Em contrapartida, no escalão Rendimento, os jogadores titulares apresentam valores mais baixos quer na percepção de sucesso orientada para o EGO quer na orientação para a TAREFA. Em contrapartida, os suplentes apresentam valores médios mais elevados que os titulares em ambas as dimensões.

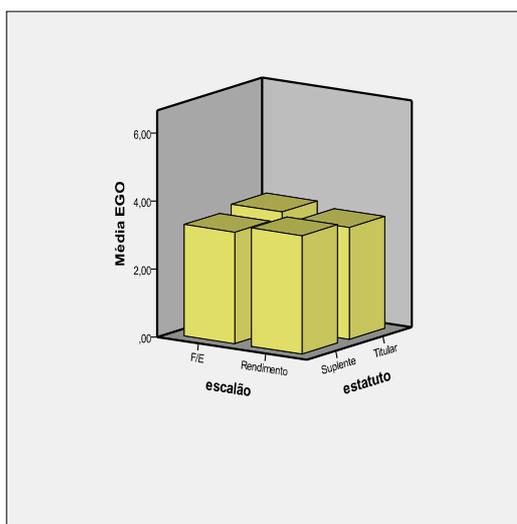


Figura 3. Médias de percepção de sucesso orientado para o EGO em função do escalão e do estatuto

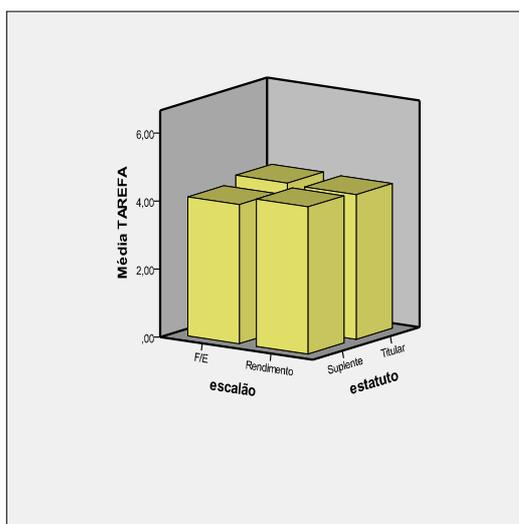


Figura 4. Médias de percepção de sucesso orientado para a TAREFA em função do escalão e do estatuto

Estes resultados indicaram que os jogadores de futebol do escalão de formação/especialização apresentam-se motivos mais intrínsecos que os jogadores do escalão rendimento. Estes resultados estão em concordância com os resultados obtidos no estudo realizado por Fortier, Vallerand, Brière e Provencher (1995) no qual os jogadores de competição apresentavam valores mais baixos de motivação

intrínseca que os praticantes de desporto recreativo, isto é, prática desportiva cujo objectivo principal não é a competição mas sim o divertimento e o bem-estar. Também o estudo de Sarmiento, Catita e Fonseca *et al.* (2008) identificou que os jogadores de futebol semi-profissionais apresentavam mais motivação intrínseca ($4,19 \pm 0,62$) do que os profissionais ($4,11 \pm 0,72$) e o que os amadores ($4,12 \pm 0,75$) embora no seu estudo os valores obtidos não fossem significativos. Estes resultados poderão ser justificados pelo facto de os jogadores de futebol do escalão de formação/especialização ainda se encontrarem numa fase em que a sua prática ainda é orientada para a aprendizagem e vivência de novas experiências e não apenas focada na competição. Tal como Vallerand (2007) propôs, a motivação intrínseca está relacionada com a possibilidade de o ser humano aprender a executar uma actividade pela satisfação que as experiências permitem ao aprender, explorar e tentar compreender algo novo, assim como realizar coisas pelo prazer e satisfação que elas provocam ou criar alguma coisa na tentativa de superar-se a si mesmo; experienciar novos estímulos, novos desafios que provoquem sensações novas. No caso do escalão rendimento a prática da modalidade em situação constante de competição, é internalizada segundo a regulação identificada e introjectada, uma vez que a competição sugere a constante busca de resultados. Este tipo de motivação apresenta-se como sendo menos agradável. Outros estudos corroboram com os resultados obtidos no presente estudo (Chantal, Guay, Dobрева-Martinova, Vallerand, 1996; Fortier *et al.*, 1995; Sarmiento *et al.*, 2008). Se por um lado os jogadores de rendimento reconhecem e aceitam o seu valor, pois consideram que a sua continuidade e permanência em situações cujo patamar é reconhecido como resultado de competência, bem como os jogadores consideram poder retirar benefícios dessa participação (MERID), por outro lado, a MERIN é um estilo regulatório não explícito, pois a regulação é mais afectiva do que cognitiva. A regulação externa dos comportamentos resulta da consequência de contingências externas serem administradas por outros e o indivíduo administra-as a si mesmo. Segundo Fernandes & Vasconcelos Raposo, (2005) o comportamento é

regulado por vezes pelo sentido de ameaça, culpa ou vergonha sendo a introjecção, manifestada pelo envolvimento do ego, pela auto-consciência do público ou devido a falsas auto-atribuições. Os motivos de participação numa actividade são principalmente o reconhecimento social, as pressões internas e sentimentos de culpa. A introjecção representa uma internalização parcial na qual os regulamentos estão na pessoa, mas não fazem parte do real conjunto integrado de motivações, cognições e afectos que constituem o seu *self* (Ryan & Deci, 2000). Um atleta que se situe neste nível dentro do *continuum* de autodeterminação sente-se completamente orgulhoso e engrandecido quando a sua performance é boa e deprimido e desonrado quando obtém fracas *performances* (Gagné, Ryan & Bargmann, 2003; Sarmiento, 2007). No entanto, no presente estudo os valores de desmotivação foram mais elevados no escalão de formação/especialização do que no escalão de rendimento, resultados que contrariam a teoria da autodeterminação no sentido em que esta defende que a competição mina a motivação intrínseca, sendo esperados níveis de desmotivação mais elevados em grupos de rendimento tal como no estudo de Fortier *et al* (1995). Por outro lado, um estudo realizado por Sarmiento *et al.*, (2008) identificou que os jogadores de futebol de nível amador evidenciavam níveis de desmotivação mais elevados seguido do grupo de profissionais, sendo que os jogadores de nível semi-profissional eram os que apresentavam níveis mais elevados de motivação intrínseca e de Motivação extrínseca regulada por identificação. Este resultado obtido no presente estudo poderá dever-se ao facto de os jogadores do escalão dos juniores se encontrarem na fase final da sua formação tendo outras perspectivas de futuro (ex. entrada na universidade) que não a continuidade na prática desportiva, além das incertezas de possibilidade de integrar uma equipa sénior. Segundo Roberts (2001), a desmotivação é demonstrada quando por exemplo um atleta demonstra que já não vale a pena treinar mais. Atletas que chegam ao final da sua formação assumem que muito provavelmente já não conseguirão integrar num plantel sénior pela falta de qualidade que assumem ter, nem num clube maior pois já deixaram de ter idade. Por

outro lado, no caso do escalão de rendimento o mesmo não se verifica pois tal como Sarmiento *et al.*, (2008) afirmaram, nesta fase, os jogadores percebem níveis de competência e de autonomia mais elevados, permitindo assim desenvolver níveis de auto-determinação mais elevados.

Em relação ao estatuto, embora não tenham sido obtidos resultados significativos em nenhuma das dimensões da motivação, parece haver fortes indícios de que os suplentes desenvolvem desmotivação dos jogadores. Segundo Deci e Ryan (2000) as pessoas têm tendência a orientar-se para situações que permitem alcançar a sua satisfação. Quando as necessidades psicológicas são expostas a condições de ameaça e privação encontram-se num nível baixo (Deci & Ryan, 2000) o que faz com que as pessoas procurem afastar-se das situações que podem provocar frustração (Deci & Vansteenkiste, 2004). No caso do suplente, uma vez privado da prática este acto confere-lhe a noção de falta de eficácia na execução da sua tarefa bem como a percepção de irrelevância do seu contributo para o grupo (Partridge & Stevens, 2002). Por sua vez, Deci e Vansteenkiste (2004) referem que para que a necessidade de competência seja satisfeita é necessário que se sinta a sensação de que se é eficaz na execução de uma tarefa, assim como se espera ser bem sucedido. Neste sentido, entende-se o facto de os titulares apresentarem valores mais elevados nos níveis mais altos de autodeterminação (MI, MERID). Em contrapartida, os suplentes apresentam valores mais elevados nos níveis mais baixos de auto-determinação (MERE, AMOT), excepto na dimensão MERIN que apresenta valores mais elevados no estatuto titular que no estatuto suplente. Tal compreende-se tendo em conta que este tipo de regulação representa a consciência do público, e é regulado pelo sentido de ameaça culpa ou vergonha (Fernandes & Vasconcelos Raposo, 2005). Segundo Johnson e Allen, (1972 citado por Partridge & Stevens, 2002), o ser titular tem implicações definitivas para a equipa como um todo, o seu contributo é considerado o mais importante para garantir a eficácia do grupo. Segundo Chantal *et al.* (1996) os títulos e as medalhas são mais sentidos como obrigações pelos atletas

com mais sucesso do que os que se percebem menos bem sucedidos. Um estudo realizado por Holt e Morley (2004) demonstrou que adolescentes considerados altamente talentosos associavam o seu sucesso à determinação. Segundo Gillison, Osborn, Standage e Skevington (2009) a MERIN pode coexistir com níveis mais autodeterminados de motivação no desporto (MERID e MI) sem existirem aparentemente efeitos negativos. Também Pelletier et al., (2001) encontraram os mesmos resultados. Estes resultados podem ser justificados pelo facto de que a MERIN pode ser uma forma adaptativa de motivação necessária a curto prazo para o desenvolvimento da internalização do comportamento motivado.

Em relação aos resultados obtidos na percepção de sucesso, verificamos que não existem diferenças significativas quando comparadas as percepções de sucesso dos jogadores do escalão da formação com o escalão do rendimento. Também não se verificaram diferenças entre o estatuto titular e o suplente, resultados, estes, que corroboram com os do estudo de Sarmiento et al., (2008), no entanto foi verificado que existem diferenças significativas quando é analisada a interacção estabelecida entre o escalão e o estatuto, isto é, os jogadores de determinado do escalão de Formação desenvolvem a sua percepção de sucesso no seio do grupo dependendo do estatuto que ocupam na equipa, tal como os jogadores do escalão de rendimento. Neste estudo verificou-se que no escalão rendimento, os titulares apresentam níveis de percepção de sucesso mais baixos do que os suplentes, quer na orientação para o ego quer para a tarefa, pois tendo em conta que, o contexto de rendimento é constantemente sujeito a uma conquista do resultado, conseqüentemente, é conferido ao estatuto titular a responsabilidade da eficácia da equipa, isto é, os jogadores titulares estão constantemente em situação de avaliação e de comparação social relativamente ao seu desempenho, o que faz com que a sua percepção de sucesso seja mais reduzida que a dos suplentes. Contudo o escalão de rendimento no geral apresenta níveis mais elevados de percepção de sucesso, mais orientados para a tarefa que o escalão de formação, o que contraria estudos desenvolvidos

anteriormente em que se concluiu que jogadores de futebol que competiam em níveis mais elevados eram mais orientados para o ego (Duda, 2005). Ainda em relação ao estatuto dos jogadores do escalão e rendimento verificou-se que ao contrário dos titulares, os suplentes apresentam um valor acima da média na percepção de sucesso orientado para a tarefa, o que significa que a sua percepção é mais orientada para a realização de esforço nas tarefas a desempenhar, resultando numa avaliação que assenta na competência percebida, pois os seus objectivos são orientados para o sucesso pessoal como por exemplo a conquista da titularidade pelo mérito de realizar as suas tarefas em função da posição que ocupam no campo, e conseqüentemente dando menos ênfase à vitória, reduzindo assim os seus níveis de percepção de sucesso orientado para o ego (Roberts, 2001).

No que concerne ao escalão formação, o estatuto titular obteve valores mais elevados em ambas as orientações quando comparado com o estatuto de suplente. Estes resultados poderão relacionar-se com o facto de os titulares percepcionarem níveis de esforço mais elevado e de *feedback* positivo conferido pela titularidade, pois na formação é privilegiado o esforço e dedicação no desempenho realizado quer nos treinos quer na competição, sendo desenvolvidas maiores percepções de habilidade e de competência percebidas, elevando, conseqüentemente a sua percepção de sucesso geral e de Motivação intrínseca e de regulação identificada, ao contrário daquilo que é percepcionado pelos jogadores suplentes que pelo facto de não serem titulares, desenvolvem níveis de habilidade e de competência mais baixos e por consequência, apresentam também valores mais elevados de desmotivação.

CONCLUSÃO

Este estudo permitiu identificar algumas diferenças no nível de autodeterminação e de percepção de sucesso de jogadores de futebol que se encontram na fase de formação/especialização (Juniões A e B) e jogadores na fase de rendimento (seniores), o que nos ajuda também a compreender muitos dos comportamentos verificados ao longo da época desportiva. De um modo geral, podemos concluir que os seniores apresentam valores mais elevados de motivação intrínseca que os juniores contudo, verificaram-se valores significativos de motivação extrínseca por regulação introjectada no escalão de rendimento em comparação ao escalão de formação devido ao facto de o nível competitivo ser mais elevado. Estes resultados permitem-nos também verificar que a competição, nem sempre traduz níveis de bem-estar nos atletas pois pode minar a sua motivação para a prática quando a sua percepção de sucesso é apenas atribuída às vitórias alcançadas e não às habilidades pessoais do próprio atleta. Estes resultados poderão dar algumas indicações à orientação dada pelos treinadores aos seus atletas no sentido em que poderão prever os seus níveis de motivação consoante o feedback de sucesso que lhes é dado, isto é, os resultados demonstraram que elevados níveis de percepção de sucesso que apenas assenta nos resultados desportivos (vitória/derrota) minam a motivação dos atletas, pois em situação de derrota estes desenvolvem sentimentos de frustração, vergonha e culpa. Por sua vez quando orientam os seus atletas para o bom desempenho na tarefa, a percepção de sucesso desenvolvida pelos jogadores aumenta e conseqüentemente aumenta também a sua motivação para a prática quer para o treino quer para a competição.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos clubes pela disponibilidade demonstrada para a realização deste trabalho;

aos treinadores pela forma como deram o seu contributo;

aos jogadores pela disponibilidade e sinceridade;

a todos aqueles que colaboraram na realização deste trabalho, muito obrigada.

Sem vocês não teria sido possível.

BIBLIOGRAFIA

- Chantal, Y., Guay, F. Dobрева-Martinova, T., Vallerand, R.J. (1996). Motivation and elite performance: an exploratory investigation with Bulgarian athletes. *Int. J. Sport Psychol.*, 27, 173-182.
- Deci, E. L. & Ryan, R. M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behaviour*. New York: Plenum.
- Deci, E. L. & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goals pursuits: human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*. Lawrence Erlbaum Associations, Inc. 11(4), pp. 227-268.
- Deci, E. L. & Vansteenkiste, M. (2004). Self-determination theory and basic need satisfaction: understanding human development in positive psychology. *Ricerche di Psicologia*, 27(1).
- Duda, J. L. (2005). Motivation in sport: The relevance of competence and achievement goals. In A. J. Elliot & C. S. Dweck (Eds.), *Handbook of competence and motivation* (pp. 318-335). New York: Guilford Press
- Durand, M. (1988). *El niño y el deporte*. Madrid: MEC.
- Fortier, M. S., Vallerand, R.J., Brière, N. M, & Provencher, P.J. (1995). Competitive and recreational sport structures and gender: a test of their relationship with sport motivation. *International journal of sport psychology*. 26, 24-39.
- Eubank, M. & Gilbourne, D. (2005). Stress, performance and motivation theory. In T. Reilly & A. Williams (Ed.). *Science and Soccer* (2rd Ed.), 214-229. New York: Routledge.
- Fernandes, M. H. & Vasconcelos-Raposo, J. V. (2005). *Continuum de auto-determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo*. *Estudos de Psicologia*. Brasil. 10(3), pp. 385-395.
- Fonseca, A. M & Brito, A. P. (2001). Estudo exploratório e confirmatório à estrutura factorial da versão portuguesa do *Perception of Success Questionnaire* (POSQ). *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2001, vol. 1, nº 3, 61–69

- Fonseca, A.M. & Balagué, G. (1996). Measuring goal orientations in youth competitive soccer: A comparison of TEOSQ and POSQ measures. *Journal of Applied Sport Psychology*, 8 (supplement): S143.
- Greco, P. J. & Benda, R. N. (1998). *Iniciação Esportiva Universal: Da aprendizagem motora ao treinamento técnico*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física da UFMG, 1998.
- Gagné, M., Ryan, R. & Bargmann, K., (2003). Autonomy support and need satisfaction in the motivation and well-being of gymnasts. *Journal of Applied Sport Psychology*, 15, 372-390.
- Gillison, F., Osborn, M., Standage, M. & Suzanne, S. (2009). Exploring the experience of introjections regulation of exercise across gender in adolescence. *Psychology of Sport and Exercise* (10), 309-319.
- Holt, N. L. & Morley, D. (2004). Gender differences in Psychological factors associated with athletic success during childhood. *The Sport Psychologist*, 18, 138-153.
- Nicholls, J. G. (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Partridge, J. & Stevens, D. E. (2002). Group dynamics: the influence of the team in sport (cap. 13) in John Silva & Diana Stevens (Eds). *Psychological Foundations of Sport*. Boston: Allyn & Bacon. p. 272-290
- Pelletier, M. G., Fortier, M. S., Valerand, R. J. & Brière, N. M. (2001). Associations among perceived autonomy support, forms of self-regulation, and persistence: a prospective study. *Motivation and Emotion*, 25, 279-306.
- Reeve, J. & Deci, E. L. (1996). Elements of the competitive situation that affect intrinsic motivation. *PSPB*. Vol. 22, 1. 24-33
- Roberts, G. (2001). Understanding the Dynamics of motivation in physical activity: the influence of achievement goals on motivational processes. In G. Roberts (Ed.), *Advances in motivation in sport and exercise*, 79-100. Champaign: Human Kinetics.

- Ryan, R. M. & Deci, E. L. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology* 25, 54-67.
- Sarmiento, H. M. B. (2007). Objectivos de realização, autonomia percebida e crenças sobre a competência desportiva. Um estudo realizado com futebolistas portugueses. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Sarmiento, H., Catita, L. & Fonseca A. (2008). Sport Motivation-Comparison between adult football players competing at different levels. *Kinesiology Research Trends and Applications*. 5th International Scientific Conference on Kinesiology, Zagreb, Croatia.
- Vallerand, R. J. (2007). Intrinsic and Extrinsic Motivation in Sport and Activity: a review and a look at the future. In G. Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds.). *Handbook of Sport Psychology (3rd Ed., Chap. 3)*. USA: John Wiley & Sons. pp. 59-77.
- Vallerand, R. J., Gauvin, L. J. & Halliwell, W. R. (2001). Effects of zero-sum competition on children's intrinsic motivation and perceived competence. *The Journal of Sport Psychology*. 126(4), pp. 465-472.